

OS DESAFIOS E VIVÊNCIAS DAS ESTUDANTES MÃES DO CURSO DE PEDAGOGIA DO TURNO NOTURNO DA UFPA, QUE ENGRAVIDARAM DURANTE A GRADUAÇÃO: CONCILIANDO MATERNIDADE E VIDA ACADÊMICA¹

Jéssica Miranda do Nascimento²

RESUMO

A maternidade durante a graduação impõe significativos desafios para mulheres que precisam conciliar as responsabilidades maternas com as exigências acadêmicas. Este estudo teve como objetivo compreender esses desafios e vivências, de modo a contribuir para o fortalecimento de políticas de permanência e inclusão de mães no ensino superior. A pesquisa, de abordagem qualitativa, envolveu cinco estudantes do curso de Pedagogia do turno noturno da Universidade Federal do Pará (UFPA). Os dados foram coletados por meio de um questionário eletrônico, elaborado na plataforma *Google Forms*, com perguntas abertas e fechadas. Esses dados foram examinados por meio da técnica de análise de conteúdo, o que possibilitou a identificação de categorias temáticas relevantes. Os resultados revelam que as estudantes enfrentam jornadas duplas ou até triplas, fato que exige resiliência, organização e estratégias para conciliar maternidade, estudos e trabalho. Observou-se que a rede de apoio familiar, o acolhimento dos colegas e a flexibilização institucional constituem elementos essenciais para a permanência acadêmica dessas mães. Conclui-se que, embora a maternidade seja acompanhada de renúncias e sacrifícios, ela também se configura como motor de resistência, inspiração e motivação, levando essas mulheres a ressignificar suas trajetórias.

Palavras-chave: desafios acadêmicos; estudantes mães; maternidade e ensino superior.

¹Artigo elaborado sob orientação da Prof. Dra. Edna Abreu Barreto, para ser apresentado como Trabalho de Curso (TC), de acordo com a Resolução Nº 01, de 22 de outubro de 2024

² Discente do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, da Universidade Federal do Pará - UFPA

1. INTRODUÇÃO

A maternidade é uma experiência transformadora que pode gerar impactos significativos na vida acadêmica das mulheres. No contexto universitário, muitas mães estudantes enfrentam diversos desafios ao conciliar as responsabilidades maternas com as exigências acadêmicas. Conforme destacado por Urpia e Sampaio (2009), a gravidez não planejada durante o percurso na universidade traz questionamentos e apreensões que podem comprometer a permanência dessas estudantes no curso.

É importante considerar o contexto mais amplo da presença feminina no ensino superior no Brasil. De acordo com o Censo da Educação Superior 2023, divulgado pelo INEP, as mulheres representam 59,1% das matrículas no ensino superior, totalizando cerca de 5,9 milhões de estudantes em um universo de aproximadamente 10 milhões de matrículas. Entre os ingressantes, que somam cerca de 5 milhões, as mulheres correspondem a 2,9 milhões, ou seja, mais da metade dos novos estudantes matriculados nas instituições de ensino superior (INEP, 2023). Essa maior presença feminina no ensino superior representa uma conquista importante na luta por direitos e pela igualdade de gênero. No entanto, apesar dessa maioria, muitas mulheres enfrentam desafios específicos, particularmente as mães.

Além disso, a maioria das universidades ainda não dispõe de infraestrutura adequada para atender às demandas dessas estudantes, que precisam dividir seu tempo entre os estudos, o cuidado com os filhos e, muitas vezes, atividades profissionais. Essa realidade evidencia a necessidade de políticas e ações institucionais que garantam não apenas o acesso, mas também a permanência e o sucesso das mães no ensino superior, promovendo assim a igualdade de oportunidades no ambiente acadêmico. Nesse sentido, Lucena e Barros (2023, p. 17) afirmam que:

A falta de infraestrutura adequada nas universidades para acomodar a maternidade tem impacto direto na realidade dessas mães, a ausência de creches e serviços de assistência infantil dentro das instituições de ensino superior pode impor uma carga adicional de estresse e dificuldades, tornando difícil a conciliação entre aulas, estudos e cuidados parentais.

Essa falta de infraestrutura revela a dura realidade enfrentada pelas mães universitárias diante da ausência de apoio institucional. A inexistência de creches e

serviços de assistência infantil transforma o cotidiano acadêmico em um desafio ainda maior, impondo estresse e sobrecarga emocional. Essa conjuntura evidencia que, sem condições adequadas, a maternidade no espaço acadêmico acaba sendo marcada por renúncias e sacrifícios. Lucena e Barros (2023) chamam a atenção para a necessidade de enxergar essas mulheres não apenas como estudantes, mas como pessoas que desempenham múltiplos papéis e que precisam de acolhimento para que possam permanecer e avançar nos estudos sem abdicar dos cuidados com os filhos.

Menezes et al. (2012) destacam que a carência de apoio institucional e de programas de suporte que favoreçam a permanência nos estudos intensifica esse contexto. Urpia e Sampaio (2009) acrescentam que as relações de gênero e o papel social atribuído à mulher, como principal responsável pelos cuidados domésticos e infantis, geralmente sem colaboração paterna, ampliam a sobrecarga física e emocional, prejudicando o rendimento acadêmico.

Gonçalves e Ternovoe (2017) demonstram que outro desafio enfrentado por essas estudantes se refere à rigidez dos horários e regimentos universitários, que dificultam a conciliação entre maternidade e atividades acadêmicas. Nesse contexto, Silva et al. (2015) destacam que a chegada de um bebê exige disponibilidade constante e acarreta responsabilidades adicionais, somando-se às tarefas domésticas, ao trabalho e aos estudos.

Para Jesus (2014), a ausência de políticas públicas voltadas à permanência das mães no ensino superior contribui para a perpetuação das desigualdades de gênero. A autora ressalta que, apesar do crescente ingresso de mulheres nas universidades públicas e da existência de normativas legais que visam assegurar condições de permanência estudantil, no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará (UFPA), campus Belém, tais garantias nem sempre são efetivadas.

Jesus (2014) também evidencia que, no turno noturno, esse problema se agrava, uma vez que muitos estudantes trabalham durante o dia e estudam à noite, acumulando, ainda, responsabilidades relacionadas ao trabalho doméstico. De acordo com a autora, essa sobrecarga compromete o desempenho acadêmico, já que o tempo destinado às tarefas domésticas reduz as horas disponíveis para os estudos.

A autora também observa que, no curso de Pedagogia da UFPA, majoritariamente frequentado por mulheres, a instituição não oferece suporte suficiente para atender às necessidades das alunas que vivenciam a maternidade, especialmente no período noturno. Os dados apontados por Jesus (2014) revelam

que a maioria das mães estudantes não recebe apoio institucional suficiente para conciliar maternidade e vida acadêmica, mesmo quando têm ciência de seus direitos.

Maniçoba (2025) aponta que a ausência de creche universitária, a rigidez de prazos acadêmicos, a falta de sensibilidade de alguns docentes e o desconhecimento ou a falta de mediação institucional em processos como o regime domiciliar são fatores que dificultam a trajetória acadêmica dessas mulheres.

Ao trazer essa temática para o diálogo, este estudo já contribui significativamente, pois a questão das mães na Universidade Federal do Pará ainda é uma problemática pouco discutida e que necessita de soluções. Na fase de levantamento bibliográfico da pesquisa qualitativa, na busca por trabalhos acadêmicos feitos por estudantes/mães da UFPA, foram encontrados apenas quatro trabalhos no banco de dados, sendo eles: Jesus (2014), Silvestre (2019), Souza (2022) e Oliveira (2022), dois realizados por estudantes do campus Belém e dois do campus Castanhal.

Considerando que o curso de Pedagogia é majoritariamente composto por mulheres, a pesquisa ganha ainda mais relevância para a proposição de políticas de permanência e apoio. A importância desse tema reside na necessidade de compreender os desafios e vivências das mães universitárias do curso de Pedagogia no turno noturno da UFPA, mulheres que frequentemente enfrentam barreiras significativas em suas jornadas educacionais. Nesse sentido, esta pesquisa pretende contribuir para o desenvolvimento de políticas que reconheçam e atendam às necessidades específicas dessas estudantes/mães, proporcionando um ambiente mais acolhedor e favorável ao desenvolvimento pessoal e acadêmico delas.

Além disso, há uma motivação pessoal, uma vez que a pesquisadora é discente do curso de Pedagogia da UFPA, turno da noite, e tornou-se mãe durante a graduação. Essa vivência pessoal impulsiona a compreensão dos desafios de conciliar maternidade e vida acadêmica, buscando trazer à tona as vivências dessas mães e fomentar um debate mais amplo sobre a importância de garantir a permanência das discentes mães no ensino superior.

Visando garantir a análise proposta neste trabalho, a questão norteadora da pesquisa é assim sistematizada: Quais os principais desafios e vivências enfrentados pelas estudantes mães do curso de Pedagogia do turno noturno da UFPA que engravidaram durante a graduação? Nessa questão se apoia o objetivo deste trabalho: compreender os desafios e vivências das mães do curso de Pedagogia noturno da UFPA que engravidaram durante a graduação. Espera-se que a discussão

contribua para o fortalecimento de políticas de permanência e inclusão de mães no ensino superior.

2. ESTUDANTES/MÃES: DESAFIOS DE CONCILIAR OS CUIDADOS MATERNOS E A VIDA ACADÊMICA.

Ao discutir os desafios enfrentados por mães estudantes, é possível destacar alguns fatores teóricos que ajudam a compreender os desafios que elas enfrentam — obstáculos que vão além das exigências acadêmicas tradicionais. Primeiramente, a chamada tripla jornada — trabalho, maternidade e estudos — impõe uma carga física e emocional intensa. Muitas vezes, essas estudantes precisam dividir seu tempo entre cuidar dos filhos, cumprir atividades acadêmicas e exercer funções laborais para garantir a subsistência familiar.

Segundo Ávila e Portes (2012), muitas mulheres já vivenciam a dupla jornada de trabalho, que se refere ao acúmulo de duas funções desempenhadas simultaneamente. Além das atividades profissionais remuneradas, elas assumem também as responsabilidades domésticas não remuneradas, como o cuidado com a casa e com os filhos. Esse conceito evidencia a sobrecarga historicamente imposta às mulheres, uma vez que o trabalho doméstico, apesar de essencial para a manutenção da vida, não é socialmente reconhecido, nem valorizado. Assim, a dupla jornada representa não apenas um desafio prático de tempo e energia, mas também uma desigualdade de gênero, visto que a divisão dessas tarefas ainda recai predominantemente sobre as mulheres.

Ingressar na universidade e assumir uma terceira atividade diária torna o tempo ainda mais escasso. Adaptar-se à rotina para incluir os estudos noturnos representa um grande desafio, gerando desgaste físico e emocional nessas estudantes.

Além disso, a infraestrutura universitária raramente contempla as necessidades específicas dessas mães. A inexistência de creches no turno noturno, por exemplo, é um obstáculo considerável, pois limita as possibilidades de frequência às aulas e participação em atividades extracurriculares. Silvestre (2019), Souza (2022), Oliveira (2022) e Jesus (2014) apontam, em suas pesquisas, a problemática da ausência ou da pouca oferta de creches ou espaços infantis adequados para a permanência das crianças enquanto as mães estão em sala de aula ou em atividades extraclasse. As

autoras enfatizam que uma creche na Universidade Federal do Pará seria uma importante ação afirmativa para a permanência dessas mães discentes na graduação. Jesus (2014) nos informa que 68,75% de suas entrevistadas disseram que a implementação de creches ou berçário no campus seria uma forma de solucionar os desafios enfrentados pelas mães que não tem onde deixar seus filhos enquanto estudam.

Um dos obstáculos à permanência dessas estudantes no ensino superior está também relacionado à ausência de orientações institucionais claras sobre como garantir seus direitos. Apesar de a Constituição Federal (BRASIL, 1988) assegurar às discentes em situação de maternidade condições para continuidade dos estudos, não há diretrizes que orientem as universidades e os professores sobre como proceder diante dessas situações. Sobre essa questão, Jesus (2014, p. 38) afirma:

A esse respeito, vale ressaltar que não se trata de pouca flexibilidade por parte dos professores, pois na falta de medidas mais eficientes, os mesmos também podem ser considerados vítimas, visto que, não lhes é dado nenhum suporte para que os mesmos saibam lidar com esse tipo de situação, pois, a constituição federal que trata do assunto concede o direito as discentes mães, mas não estabelece como esses profissionais devem proceder.

Com base nesse contexto, a autora argumenta que as alunas mães, independentemente do curso, enfrentam o dilema de conciliar os estudos com a maternidade ou desistir de disciplinas. Jesus (2014) destaca que essa decisão implica a necessidade de cursar novamente as disciplinas em outros períodos, o que compromete a formação e aumenta a sobrecarga de tempo ao retomar os estudos, especialmente devido à falta de uma rede de apoio para cuidar dos filhos durante as aulas. Além disso, a dificuldade enfrentada pelas estudantes não decorre apenas da inflexibilidade dos horários acadêmicos, mas também da ausência de atendimento domiciliar ou outras formas de suporte que poderiam facilitar seu acompanhamento pedagógico. Por outro lado, a falta de flexibilidade dos professores também está relacionada à ausência de orientações e suporte institucional claros sobre como proceder nessas situações.

É fundamental destacar que a universidade possui um regimento interno (UFPA, 2024) que os docentes devem seguir. Embora a legislação, em especial a resolução n.º 5.799/2024 (UFPA, 2024), assegure direitos importantes às estudantes-mães, ela não define de forma precisa como os professores devem agir diante dessas

demandas, seja em relação à flexibilização dos horários ou à oferta de atendimento domiciliar.

A Resolução n.º 5.799/2024 estabelece o Regime Acadêmico Diferenciado para Inclusão e Permanência de Estudantes de Graduação (RADIP-EG). Esse regime proporciona excepcionalidades acadêmicas, como avaliações substitutivas e ajustes curriculares, para grupos em situação de vulnerabilidade ou com necessidades específicas, incluindo gestantes, puérperas e mães universitárias. As solicitações são apresentadas pelas estudantes via SAGITTA e cabe à unidade acadêmica avaliar e implementar as medidas cabíveis. Ainda assim, o texto da resolução não detalha como os docentes devem operacionalizar essas flexibilizações, um ponto que demanda maior clareza institucional.

É importante frisar que legislações como a Lei Federal nº 6.202/1975 (BRASIL, 1975) representam um avanço significativo ao garantir o regime de exercícios domiciliares para estudantes grávidas e puérperas, assegurando o direito de continuidade dos estudos durante a gestação e o pós-parto, com afastamento a partir do oitavo mês de gravidez e até três meses após o parto, mediante atestado médico. Contudo, é notável que essa legislação permaneceu praticamente inalterada por quase cinco décadas, mesmo com o aumento expressivo da presença feminina nas universidades públicas brasileiras, como a UFPA.

Somente recentemente, em 2024, a UFPA regulamentou internamente o regime acadêmico diferenciado para essas estudantes, ampliando o período pós-parto para quatro meses e detalhando procedimentos para facilitar o acesso ao exercício domiciliar, incluindo adaptações para atividades práticas e avaliações, segundo a resolução nº 5.799 do CONSEPE/UFPA (2024). A atualização demonstra um reconhecimento tardio da importância de políticas mais inclusivas e flexíveis, mas também evidencia que a legislação federal ainda carece de revisões mais abrangentes para contemplar as realidades atuais das estudantes mães.

Assim, apesar dos avanços pontuais, a demora histórica em aprimorar essas leis revela uma lacuna notável no combate ao abandono e insucesso escolar entre mulheres que engravidam durante a formação acadêmica, perpetuando barreiras que dificultam sua permanência e sucesso na universidade, mesmo sendo maioria no ensino superior público.

Muitas vezes, as estudantes/mães são vistas como menos dedicadas ou incapazes, o que pode afetar sua autoestima e motivação. No entanto, essa

percepção não se deve à falta de dedicação ou incapacidade, mas sim à escassez de tempo, já que essas mulheres enfrentam a difícil missão de conciliar duplas ou até mesmo triplas jornadas, como destacam Gonçalves et al. (2024, p. 6):

As dificuldades se intensificam principalmente em atividades acadêmicas relacionadas a estágio e grupos de pesquisa, não por desinteresse, mas pela necessidade de equilibrar tarefas acadêmicas, domésticas, cuidados com os filhos e, muitas vezes, um trabalho remunerado para garantir sua subsistência.

Ademais, a ausência de apoio familiar, especialmente do parceiro, reforça a sobrecarga e o isolamento dessas estudantes. Para Urpia e Sampaio (2009, p.31),

A questão é que a entrada das mulheres nas universidades e no mercado de trabalho necessariamente não as tem desobrigado do cuidado da casa e dos filhos, pois ainda se mantém, entre os casais, a tradicional divisão sexual do trabalho, ainda que sejam observadas algumas mudanças, especialmente entre os mais jovens.

Mesmo com o aumento da presença das mulheres nas universidades e no mercado de trabalho, muitas ainda carregam sozinhas o peso dos cuidados com a casa e com os filhos, pois, na maioria das famílias, a divisão das tarefas domésticas ainda é desigual, como afirma Jesus (2014, p. 20):

Portanto a responsabilidade dos cuidados dos filhos na maioria das vezes recai sobre as mulheres, já que conforme verificamos, apesar das significativas conquistas femininas, a questão da desigualdade de gênero ainda persiste, ou seja, ainda são atribuídas a elas, as funções sociais como o casamento, a procriação e o cuidado da casa, mesmo para aquelas que se inseriram no mercado de trabalho, sendo que para as com filhos pequenos, a sobrecarga de trabalho doméstico é ainda maior.

Essa realidade faz com que as estudantes mães enfrentem uma rotina exaustiva, acumulando responsabilidades que vão muito além dos estudos. Para enfrentar a sobrecarga decorrente da conciliação entre maternidade e estudos, muitas mães universitárias recorrem ao apoio familiar, social e às redes de suporte, além de negociarem com seus parceiros uma divisão mais equilibrada das responsabilidades domésticas. Essas estratégias exigem organização, paciência e criatividade, evidenciando a capacidade dessas mulheres de persistirem em seus objetivos acadêmicos mesmo diante de múltiplos desafios. Adicionalmente, a resiliência emocional é essencial para lidar com a culpa associada à divisão do tempo entre os

cuidados com os filhos e as demandas acadêmicas, assim como com o desgaste físico e emocional resultante das jornadas duplas ou triplas.

Nesse contexto, Maniçoba (2025, p. 16) destaca que, apesar das adversidades, as estudantes mães demonstram “uma notável capacidade de resiliência, desenvolvendo estratégias para superar os desafios impostos pela dupla jornada”, por meio da gestão eficiente do tempo, do estabelecimento de redes de apoio familiar e social e da utilização de serviços institucionais de assistência, quando disponíveis, garantindo, assim, a continuidade de sua formação acadêmica.

Para dar conta dessa vivência multifacetada, essas mulheres desenvolvem estratégias que vão muito além do simples planejamento. A organização do tempo, por exemplo, torna-se uma ferramenta vital, não apenas para encaixar os estudos entre as tarefas domésticas e os cuidados infantis, mas para criar momentos de qualidade com seus filhos e consigo mesmas. Nesse sentido, Campos (2019) aponta que o planejamento rigoroso e a flexibilidade são essenciais para que as mães consigam equilibrar suas responsabilidades, minimizando o impacto do estresse e da sobrecarga.

Além disso, as redes de apoio familiar desempenham um papel fundamental. Muitas mães universitárias contam com avós, tios e outros parentes para compartilhar as responsabilidades do cuidado com os filhos, permitindo-lhes maior dedicação aos estudos. Segundo Nascimento (2025), essas redes são verdadeiros pilares emocionais e práticos que possibilitam às mães universitárias a continuidade de suas formações, mesmo diante da falta de suporte do institucional.

A jornada da maternidade, por si só, é repleta de desafios, descobertas e aprendizados constantes. Quando combinada com a vida acadêmica, essa experiência se torna ainda mais complexa, exigindo das mulheres uma força extraordinária para lidar com a divisão do tempo entre os cuidados dos filhos e as demandas dos estudos. Ademais, é necessário enfrentar o cansaço físico e emocional decorrente das jornadas duplas ou triplas.

Nesse contexto, Mestre e Souza (2021) apontam que a construção social da maternidade associa a mulher à responsabilidade exclusiva pelo cuidado dos filhos, de modo que a culpa materna ocupa um papel central nos problemas emocionais e sociais enfrentados pelas mães, estando relacionada ao medo de fracassar como mãe, de não cumprir adequadamente as tarefas domésticas e de titubear diante das expectativas sociais do papel de “mãe de família”. O desenvolvimento da resiliência

permite, assim, que essas mulheres mantenham a motivação e o equilíbrio necessários para seguir adiante, mesmo diante dos desafios de sua vivência.

3. METODOLOGIA

Este estudo adota uma abordagem qualitativa que, segundo Creswell (2014), busca compreender os significados que os participantes atribuem aos fenômenos estudados em seu contexto natural. A pesquisa qualitativa, conforme Minayo (2001), trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, correspondendo a um espaço mais profundo das relações e processos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Essa abordagem foi escolhida por permitir uma compreensão aprofundada dos desafios e vivências das estudantes mães do curso de Pedagogia do turno noturno da UFPA que engravidaram durante a graduação.

A coleta de dados foi realizada com 5 estudantes do curso de pedagogia do turno noturno por meio de um questionário eletrônico desenvolvido na plataforma *Google Forms*. Essa ferramenta, segundo Roza (2018), é gratuita, baseada em nuvem e permite a organização automática de dados com informações em tempo real. O uso de formulários eletrônicos em pesquisas acadêmicas tem se mostrado eficaz, proporcionando praticidade no processo de coleta e facilitando a análise posterior dos dados.

O questionário foi estruturado com perguntas abertas, exceto para os dados sociodemográficos, que utilizaram perguntas fechadas. Essa abordagem permitiu às participantes expressarem livremente suas vivências e desafios. Embora a pesquisa qualitativa tradicionalmente priorize entrevistas presenciais, questionários eletrônicos com perguntas abertas, quando bem elaborados, podem gerar dados qualitativos ricos. Dessa forma, as questões foram formuladas com o objetivo de compreender as vivências e os desafios enfrentados pelas mães universitárias.

A seleção das participantes foi realizada por amostragem intencional, técnica caracterizada pela escolha dos sujeitos com base em critérios definidos a partir do julgamento do pesquisador e do objetivo da pesquisa. Essa escolha, conforme destaca Nagae (2007), é apropriada quando o pesquisador possui conhecimento prévio sobre características da população diretamente relacionadas às variáveis de

interesse, permitindo uma seleção direcionada que aumenta a possibilidade de obtenção de dados significativos para os objetivos do estudo.

Para compor o grupo amostral, foram estabelecidos os seguintes critérios de inclusão: estudantes matriculadas no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará (UFPA), pertencentes ao turno noturno, e que tenham engravidado durante o período da graduação.

As cinco mães participantes foram selecionadas de forma intencional, considerando a atuação ativa da pesquisadora no Centro Acadêmico de Pedagogia, onde exerceu funções na assistência estudantil e na coordenação geral. Essa interação institucional proporcionou à pesquisadora conhecimento da situação específica das estudantes que engravidaram durante a graduação, permitindo uma seleção criteriosa e fundamentada das participantes que melhor representariam o fenômeno estudado.

Esse processo de seleção alinha-se com os preceitos da amostragem intencional, na qual o pesquisador utiliza seu conhecimento e julgamento para escolher participantes que possam fornecer informações relevantes aos objetivos da pesquisa. Conforme aponta Nagae (2007), a amostragem intencional é recomendada quando há conhecimento suficiente sobre características populacionais correlacionadas às variáveis de interesse, permitindo um controle direcionado na seleção amostral.

A escolha do turno noturno justifica-se pela observação de que a maior parte das estudantes mães frequenta esse turno. Isso ocorre devido à necessidade delas de trabalhar ou cuidar dos filhos durante o dia, tornando a jornada dupla, ou tripla, uma constante em suas rotinas. Além disso, a inexistência de creches no período noturno agrava a situação, tornando o cotidiano dessas estudantes/mães ainda mais desafiador.

Uma das cinco mães participantes possui uma criança com desenvolvimento atípico. Esse termo refere-se a padrões de crescimento e aprendizagem que divergem dos considerados esperados para determinada faixa etária, podendo incluir atrasos cognitivos, distúrbios de linguagem, dificuldades motoras ou transtornos do neurodesenvolvimento — como o Transtorno do Espectro Autista (TEA) e outras condições. Trata-se de uma concepção que amplia a noção de desenvolvimento ao reconhecer a existência de múltiplas trajetórias possíveis, as quais exigem

intervenções específicas e sensíveis às particularidades de cada criança (Souza, 2017).

Essa condição impõe desafios adicionais às mulheres que conciliam a criação de filhos com necessidades especiais com a própria trajetória acadêmica. O investimento emocional, a sobrecarga de tarefas e as exigências de acompanhamento terapêutico dessas crianças podem impactar diretamente na permanência, desempenho e saúde mental dessas mães. Assim, compreender o desenvolvimento atípico não apenas como uma questão clínica, mas também como uma dimensão social e educacional, é essencial para o fortalecimento de políticas institucionais de acolhimento e apoio no ensino superior.

Dessa forma, os dados coletados na pesquisa de campo foram submetidos à análise de conteúdo, conforme proposto por Bardin (1977). Essa técnica permite a categorização e interpretação das informações, identificando padrões, significados e relações relevantes para os objetivos da pesquisa. A análise de conteúdo em pesquisas qualitativas assume um movimento cíclico de “vai e vem” nos dados, proporcionando maior refinamento das categorias de análise através de releituras sucessivas.

As cinco participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), demonstrando total compreensão sobre o objetivo da pesquisa. Elas estão plenamente cientes das finalidades do estudo e concordam em participar voluntariamente, sem receber qualquer tipo de compensação ou ganho financeiro. Dessa forma, reafirmam seu compromisso e consentimento informado para contribuir com a pesquisa de maneira ética e consciente.

Para garantir o anonimato e a confidencialidade das participantes, optamos por identificá-las com nomes de cientistas brasileiras que marcaram a história nacional. Assim como essas mulheres pioneiras, as participantes são exemplos de coragem, superação e dedicação, enfrentando desafios diários e contribuindo para a transformação da sociedade. A escolha desses nomes é uma forma de reconhecer o valor de cada uma, inspirando outras mulheres e mães a seguirem seus sonhos e lutarem por seus espaços.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção, serão apresentados os resultados da pesquisa realizada por meio da coleta de dados juntamente às cinco estudantes-mães do curso de Pedagogia, turno noturno, da Universidade Federal do Pará. Para a análise, os relatos foram organizados em seis questões temáticas, que emergiram como centrais para compreender os desafios e vivências dessas mulheres no contexto acadêmico, sendo elas:

- A descoberta da gravidez durante a graduação;
- Principais desafios enfrentados ao conciliar maternidade e vida acadêmica;
- Rede de apoio durante a graduação;
- Relação com colegas de turma após a descoberta da gravidez;
- Sugestões para permanência e atendimento às estudantes mães;
- O significado da maternidade na perspectiva das estudantes.

A organização por categorias evidenciou diferentes dimensões da trajetória acadêmica das participantes, revelando não apenas os desafios enfrentados, mas também as estratégias e percepções que marcaram suas vivências. O quadro 1 expõe algumas das informações colhidas por meio do formulário aplicado às participantes da pesquisa.

Quadro 1 – Informações colhidas por meio do formulário.

Estudantes/mães	Semestre atual	Números de filhos
Bertha Lutz ³	6º Semestre	1
Elisa Frota pessoa ⁴	5º Semestre	1
Maria Laura Moura Mouzinho Leite Lopes ⁵	3º Semestre	2
Maria José Deante ⁶	6º Semestre	2
Sonja Ashauer ⁷	4º Semestre	1

Fonte: Elaborado pela autora.

³ Bióloga e ativista, foi fundamental na luta pelos direitos das mulheres no Brasil e teve papel importante na inclusão da igualdade de gênero na Carta da ONU.

⁴ Física pioneira no estudo da radioatividade, ajudou a fundar o Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF).

⁵ Primeira mulher a obter doutorado em matemática no Brasil, contribuiu para a pesquisa e ensino de matemática e integrou a Academia Brasileira de Ciências.

⁶ Médica parasitóloga, suas pesquisas foram essenciais para a erradicação de epidemias e melhoria da saúde pública.

⁷ Primeira brasileira a obter doutorado em física, destacou-se nos estudos de mecânica quântica.

4.1 Descoberta da gravidez durante a graduação

Quanto à descoberta da gravidez, a pesquisa buscou compreender como as estudantes receberam a notícia da gestação e quais impactos imediatos sentiram. Esse é um momento que influencia diretamente a forma como cada uma irá vivenciar a maternidade em meio à vida acadêmica.

Essa foi a primeira questão apresentada às estudantes e as respostas mostram diversas reações, que vão desde sentimentos de medo e insegurança até manifestações de alegria e aceitação, revelando a complexidade emocional que envolve esse momento. Nos depoimentos coletados podemos observar o significado da gravidez para as entrevistadas:

“Descobri assim que iniciei os estudos, fiquei com medo de não conseguir prosseguir com o curso, os riscos que corria tendo que se deslocar de um município para o outro, dificulta bastante, trazendo sentimentos de medo, insegurança.” (Bertha Lutz).

“Descobri no final do segundo semestre foi muito difícil em relação aos sentimentos de insegurança de como ir continuar a graduação e o medo de não dar conta.” (Elisa Frota Pessoa)

“Uma avalanche de sentimentos, uma mistura de felicidade e muito medo ao mesmo tempo, medo por já ter uma bebê que no tempo ia fazer dois anos e está grávida de outra, medo por achar que não ia dar conta de conciliar os estudos com a maternidade. Mas com a ajuda da minha família estou conseguindo realizar esse grande da graduação.” (Maria Laura Moura Mouzinho Leite Lopes)

“Quando passei no vestibular eu não estava grávida, fui aprovada em fevereiro, descobri a gestação em abril e iniciei o curso em agosto, sempre soube que seria um desafio, mas decidir continuar.” (Maria José Deane)

“Descobri minha gravidez poucos dias antes de sair o listão da UFPA. Logo me veio um sentimento de negação, medo do que estaria por vir... e mais medo ainda quando vi meu nome no listão, como eu conseguiria estudar, trabalhar, consultas de pré-natal... me fiz muitas perguntas...” (Sonja Ashauer)

Foi possível observar nas falas das estudantes que a descoberta da gravidez trouxe um turbilhão de sentimentos, revelando o quanto esse momento é delicado e impactante em suas trajetórias. Medo, insegurança, dúvidas sobre a continuidade dos estudos e até mesmo a negação diante da nova realidade apareceram como experiências comuns, ainda que vivenciadas de formas singulares por cada estudante/mãe.

Barbosa (2016) ressalta que a gravidez na vida de uma mulher é um processo delicado e complexo, e que exige adaptações constantes diante de uma condição circunstancial e transitória. Essa reflexão ajuda a compreender por que, em meio à vida acadêmica, a notícia da gestação tende a ser acompanhada de espanto e choque emocional, já que o desconhecido provoca incertezas, até que a aceitação se estabeleça.

Dessa forma, mesmo diante das particularidades, há um ponto em comum entre as estudantes: a descoberta da gravidez marca o início imediato dos desafios de conciliar maternidade e vida acadêmica, exigindo força, resiliência e a construção de novas formas de adaptação. A descoberta da gravidez durante a graduação marca um ponto de virada na trajetória acadêmica e pessoal de uma estudante. Esse momento exige não apenas reorganizar rotinas e responsabilidades, mas também lidar com um turbilhão de sentimentos, do medo à alegria, da insegurança à esperança. Como nos diz Santos, Martins e Justi (2020), impacto psicocorporal da descoberta da gravidez assume diferentes significados, expressando conflitos por meio de mudanças físicas, emoções intensas e abalos psicológicos, manifestados em choro, medo, mas também na alegria de gerar um filho.

4.2 Principais desafios enfrentados ao conciliar maternidade e vida acadêmica

A segunda questão apresentada às participantes refere-se aos desafios de conciliar a maternidade e vida acadêmica. Compreender esses obstáculos é essencial para captar a dimensão real das trajetórias dessas mães universitárias, que vivenciam uma rotina marcada por demandas múltiplas e intensas.

Os relatos mostram que os desafios não se restringem apenas ao ambiente de estudo, mas se estendem também ao campo emocional, financeiro e físico, interferindo diretamente em seu desempenho e permanência no curso, como relatado pelas estudantes mães:

“É difícil descrever sem deixar as lágrimas rolarem primeiro, às vezes dava vontade de abrir mão de tudo só pra ter que ficar em casa pra acompanhar o crescimento da minha filha. Só Deus sabe o quanto tá sendo difícil passar por esse momento, de ter que deixar em casa e, na maioria das vezes, levar pra faculdade porque o coração fica apertado e fica complicado se concentrar na aula, porque os pensamentos ficam só na minha filha e na preocupação.” (Bertha Lutz)

“Sem dúvidas a rede de apoio e o financeiro são o que mais pesar durante esse processo. Por ter que abrir mão de oportunidades na vida acadêmica pelo simples fato de não ter com quem deixar o nenê.” (Elisa Frota Pessoa)

“Conciliar os horários, as responsabilidades da maternidade com as exigências da faculdade.” (Maria Laura Moura Mouzinho Leite Lopes)

“Foi muito desafiador, ia grávida pra aula, de ônibus, vomitava todos os dias voltando no UFPA Pedreira pra casa. Fui pra aula até os últimos momentos. Meu 1º filho nasceu em dezembro, então quando voltaram as aulas eu já voltei com ele, levava ele comigo pras aulas quando não tinha com quem ele ficar. Acredito que um dos maiores desafios é a falta de empatia de alguns professores, a forma que nos culpabilizam por estarmos grávidas.” (Maria José Deane)

“Inicialmente, ainda na gestação, era muito difícil ir pra universidade. Chegava tarde em casa e 5h estava de pé pra ir trabalhar, e tentava estudar à tarde (muitas vezes sem sucesso). Além do sono por conta da gravidez, eu sentia muito cansaço, não conseguia estudar. Emocionalmente, eu estava cansada, sobrecarregada, muitas vezes pensando em desistir do curso.” (Sonja Ashauer)

Os relatos revelam que conciliar maternidade e vida acadêmica é mais do que um desafio, é uma experiência que exige força física, equilíbrio emocional e, muitas vezes, sacrifícios dolorosos. Como aponta Oliveira (2022), a maternidade ainda é frequentemente romantizada, mas, na realidade, pode gerar uma série de desafios que afetam diversos aspectos da vida da mulher. A falta de apoio suficiente e as dificuldades financeiras intensificam ainda mais o peso dessa jornada.

A análise dos depoimentos demonstra que os maiores obstáculos envolvem o desgaste emocional de se dividir entre o cuidado com os filhos e as demandas acadêmicas, gerando sentimento de culpa e tensão, além do desgaste físico decorrente da rotina intensa. Segundo Bittencourt e Andrade (2022), essa sobrecarga impacta diretamente a subjetividade das estudantes e a maneira como vivenciam a vida universitária.

Além disso, as dificuldades incluem a ausência de compreensão por parte do corpo docente, que pode perceber a maternidade como um impedimento, em vez de uma condição legítima que precisa ser acolhida. Souza (2022) reforça que a universidade pública deve considerar essas demandas, oferecendo infraestrutura adequada e capacitação docente para apoiar as alunas-mães. Silva (2023) acrescenta que a maternidade redefine os papéis da mulher na sociedade, tornando quase inviável a disponibilidade de tempo para si mesma, devido às pressões sociais que priorizam o cuidado materno.

Mesmo diante de todos esses desafios, observa-se uma determinação constante em concluir a graduação, movida pelo desejo de superação e pelo compromisso de servir de exemplo e inspiração para os filhos, evidenciando força, resiliência e persistência. De acordo com Maniçoba (2025, p. 14):

Apesar dos avanços quantitativos e qualitativos da presença feminina no ensino Superior, alguns desafios persistem. Muitas mulheres enfrentam barreiras adicionais relacionadas ao acúmulo de funções, especialmente quando conciliam os papéis de mãe, Estudante e, muitas vezes, trabalhadora.

4.3 Rede de apoio durante a graduação

A terceira questão apresentada às estudantes/mães relaciona-se à rede de apoio — um fator determinante para a permanência de estudantes/mães no ensino superior. Mais do que ajuda prática, a rede de apoio oferece segurança emocional, permitindo que essas mulheres conciliem o cuidado com os filhos e as demandas acadêmicas, pois possibilita que as estudantes/mães criem uma rotina, possam frequentar o espaço acadêmico e um tempo para estudar e produzir academicamente. Por outro lado, segundo Joaquim (2023), a ausência de uma rede de apoio faz com que essas mulheres enfrentem maiores desafios na vida universitária. Ao identificar quem compõe essa rede e de que forma ela atua, é possível compreender as condições que tornam viável ou inviável a continuidade dos estudos. A seguir, podemos observar como as estudantes abordam a questão da rede de apoio:

“Minha família foi fundamental nesse processo: minha mãe, minhas irmãs, meu padrasto, meu marido. Foram e estão sendo minha rede de apoio, que às vezes nem sempre está à disposição, e fica difícil achar alguém de confiança pra cuidar do neném.” (Bertha Lutz)

“Sim e não. A pessoa que fica com o nenê é o pai dele quando chega do trabalho e uma tia que me ajuda em momentos específicos ou de emergência. Mas mesmo com eles, sinto que não é o suficiente, já que muitas vezes, em coisas simples como fazer um trabalho, me via sozinha para lidar com o nenê e os prazos estabelecidos pelos docentes.” (Elisa Frota Pessoa)

“Meu esposo, minha irmã e minha mãe.” (Maria Laura Moura Mouzinho Leite Lopes)

“Graças a Deus sempre tive rede de apoio, minhas irmãs e mãe moram perto de mim. Quando meu primeiro filho nasceu, eu voltei pra aula e ele já estava com quase 4 meses; deixava leite e deixava ele com elas. Meu marido também cursava um curso técnico na UFPA, então íamos pra aula e deixávamos ele. Posteriormente, meu marido decidiu se matricular apenas em algumas disciplinas e ficava com ele em casa.

Na segunda gestação, ainda não retornei pra aula, meu bebê está com 3 meses, mas meu marido já se formou, então o plano é deixar os dois com ele e ainda teremos ajuda das meninas. Sem elas, com certeza, eu já teria desistido.” (Maria José Deane)

“Sim. Minha mãe, pai, tias e alguns outros familiares me ajudam/ajudaram ficando com a Luísa, financeiramente pois tive que parar de trabalhar e tentam diariamente me dar forças para não desistir (Sonja Ashauer)

Foi possível observar que, para as mães universitárias, a rede de apoio constitui um elemento central para conciliar maternidade e vida acadêmica. As respostas indicam que, quando presente, esse suporte oferece segurança emocional e ajuda prática, permitindo que as estudantes enfrentem os desafios da graduação e do cuidado com os filhos. Oliveira (2022) reforça que, para a estudante, ter com quem contar, mesmo que em uma rede pequena, é fundamental para manter a continuidade da formação e equilibrar responsabilidades familiares.

Por outro lado, a análise revela que a disponibilidade e a constância desse apoio nem sempre são suficientes, o que intensifica momentos de sobrecarga e exige que as estudantes assumam múltiplas tarefas simultaneamente. Souza (2022) enfatiza que, na ausência dessa rede, conciliar maternidade e vida estudantil torna-se significativamente mais difícil, impactando diretamente o bem-estar e o desempenho acadêmico.

Quando a rede de apoio é consistente, seja ela composta por familiares ou por pessoas de confiança, observa-se um efeito positivo tanto no cuidado com os filhos quanto no incentivo emocional, fortalecendo a resiliência das estudantes diante das demandas acadêmicas. Nesse sentido, Vieira, Souza e Rocha (2019, p. 16) afirmam que:

Em meio a tantas mudanças que essas jovens enfrentam com a chegada de um filho, o apoio da família é primordial para que esse momento de adaptações seja vivenciado com mais facilidade. Na maioria dos casos quando a jovem decide levar adiante a gravidez, é na família que encontra o apoio principal, por meio do auxílio no cuidado com a grávida, e depois com o bebê, sendo em muitos casos também a família a principal responsável pelo suporte emocional e financeiro. Na volta à rotina da universidade, geralmente é algum membro da família (avós, pais, tios), principalmente as avós, que cuidam da criança para que a mãe estudante consiga dar continuidade aos estudos.

O que emerge desses relatos é a constatação de que a rede de apoio não é apenas um facilitador prático, mas um fator decisivo para que essas mulheres

consigam se manter na universidade. Sem ela, a maternidade durante a graduação se tornaria um desafio quase insustentável. A presença de familiares, parceiros e amigos não só possibilita que elas estejam fisicamente nas aulas, mas também fortalece a motivação para seguir em frente, mesmo nos dias em que o cansaço parece maior que a força de continuar.

4.4 Relação com colegas de turma após a descoberta da gravidez

A quarta questão apresentada teve como objetivo compreender como essas estudantes foram acolhidas (ou não) por seus colegas. Essa dimensão é fundamental para entendermos os desafios e pontes emocionais que influenciam diretamente o sentimento de pertencimento à universidade e a capacidade de continuar os estudos. A relação com os colegas de turma pode ser um elemento determinante para a permanência das mães universitárias. Em seguida, serão expostos os relatos das participantes a respeito de como se deu a relação com os colegas após a gravidez.

“Tive e tenho total apoio dos meus colegas, sempre estão comigo. Até mesmo quando surge uma emergência, eles me dão total apoio, são super compreensíveis.” (Bertha Lutz)

“Foi o lugar onde mais fui bem acolhida na descoberta da gravidez.” (Elisa Frota Pessoa)

“Quando comecei a frequentar as aulas, levava a minha filha maior para as aulas presenciais e meus colegas sempre foram muito acolhedores e compreensivos com relação a minha filha. Uma professora que tenho uma gratidão enorme foi a professora Edna Abreu. Sempre me estendeu a mão e tratava de forma empática minha filha.” (Maria Laura Moura Mouzinho Leite Lopes)

“Sempre recebi apoio dos meus colegas. Por esse motivo, faço de tudo pra não desbloquear. Apesar de todos os desafios, eu nunca deixei de fazer um semestre por saber que tenho ajuda dos meus colegas. Sempre me ajudaram com trabalhos e com as faltas.” (Maria José Deane)

“Foi ótima. Quando souberam, por volta de 5-6 meses, fizeram um chá de fraldas, foram super acolhedores comigo, amo tais.” (Sonja Ashauer)

O que se revela nos relatos é um espaço marcado por acolhimento genuíno e afeto mútuo. Observa-se que o apoio dos colegas não se limita a gestos pontuais, mas se manifesta de forma constante — tanto em ações práticas, como auxílio em trabalhos e acompanhamento de faltas, quanto em gestos simbólicos que fortalecem

o vínculo social e emocional. Souza (2022) argumenta que a presença de colegas de classe constitui um alicerce dentro da universidade, contribuindo para o aprendizado, o acolhimento, o suporte em atividades acadêmicas e, principalmente, promovendo empatia diante da realidade das estudantes mães.

A análise evidencia que o sentimento predominante das estudantes é de gratidão pelo acolhimento recebido, que ameniza o peso das inseguranças iniciais e oferece suporte na conciliação entre maternidade e vida acadêmica. Além disso, esse apoio não se restringe apenas à esfera social, mas também contribui para a manutenção do ritmo de estudos, garantindo que as estudantes possam seguir com suas atividades acadêmicas mesmo diante das demandas da maternidade. Souza (2022) ressalta que a solidariedade dos colegas auxilia na restauração da saúde emocional das estudantes e é fundamental para sua permanência no curso.

Essas observações demonstram que o vínculo com os pares atua como um fator poderoso de permanência, funcionando como uma rede complementar à família. Os colegas passam a ser parceiros de jornada, compartilhando responsabilidades e celebrando conquistas. Trata-se de um exemplo concreto de como o ambiente universitário, quando pautado pela empatia e solidariedade, pode tornar a experiência acadêmica das estudantes mães mais leve e possível, mesmo diante de tantos desafios. O ambiente acadêmico não se resume ao contato com professores e conteúdos: ele é, sobretudo, um espaço de convivência e troca de apoio entre pares. Na visão de Santos, Martins e Justi (2020), os colegas de turma desempenham um papel fundamental durante a gravidez e o pós-parto das estudantes, sendo essencial que compreendam a situação vivida por essas mães no contexto da graduação.

4.5 Sugestões para melhorar a permanência e o atendimento às estudantes mães

A quinta questão teve como objetivo compreender as reais necessidades das estudantes por meio de possíveis medidas institucionais. Ao trazer as sugestões das participantes, é possível visualizar de forma prática quais políticas, ações e serviços a universidade poderia implementar para promover não apenas a permanência, mas também a qualidade da experiência acadêmica dessas mães. A seguir, são apresentadas as respostas das participantes com sugestões e propostas de melhorias para garantir sua permanência na universidade:

“A universidade pode implementar políticas de flexibilização acadêmica, como prazos estendidos e prioridade nas matrículas. Também é essencial oferecer serviços como creche universitária, espaço para amamentação e apoio psicológico e pedagógico. Além disso, é importante garantir auxílio financeiro específico e promover ações de acolhimento, como grupos de apoio e campanhas de conscientização.”(Bertha Lutz)

“A revisão do ensino domiciliar. Tive muita dificuldade para entender o processo e conseguir e, no final, não consegui, perdi 1 semestre por conta disso. Passei o semestre todo correndo atrás.”(Elisa Frota Pessoa)

“Disponibilizar auxílios financeiros para nos ajudar a manter nossa permanência dentro da universidade. Para contribuir com a alimentação, condução e até mesmo para nos ajudar a pagar alguém para ficar com os nossos filhos para podermos estudar com qualidade.”(Maria Laura Moura Mouzinho Leite Lopes)

“Começando pelos professores, que deveriam se reciclar, reformular suas práticas e terem mais empatia. O atendimento domiciliar que é ofertado pras mães deveria de fato funcionar, com um ensino no mínimo de qualidade. Solicitei agora na segunda gestação e até agora, quase finalizando o semestre, apenas um professor me enviou uma atividade. Não temos trocador no nosso bloco, isso também facilitaria nossa vida. A sala das crianças foi um ótimo apoio e espero que continue. E deveria ter mais auxílios para mais mães.”(Maria José Deane)

“Flexibilização (disciplina híbrida, prazo estendido para trabalhos caso necessário), creche com horário compatível com as aulas (às vezes não temos com quem deixar nossa criança), grupos de apoio...”(Sonja Ashauer)

As sugestões apresentadas pelas participantes revelam um desejo coletivo por uma universidade mais inclusiva e atenta às demandas das estudantes mães. Em praticamente todas as falas, há a menção à necessidade de políticas de flexibilização acadêmica, seja na forma de prazos estendidos, disciplinas híbridas ou prioridade nas matrículas. Essas mudanças de simples implementação poderiam reduzir a pressão sobre essas alunas, permitindo-as conciliar melhor as responsabilidades maternas e acadêmicas, conforme aponta Silva (2024, p.47):

Estratégias que abordem questões específicas, como programas de gestão de tempo, apoio emocional e flexibilidade nos prazos acadêmicos, podem ser cruciais para ajudar essas mães a enfrentarem os desafios de conciliar múltiplas responsabilidades e manterem um desempenho acadêmico satisfatório.

Outro ponto que aparece com frequência é a estrutura física e de serviços. A ausência de creches universitárias, espaços adequados para amamentação ou até

mesmo de trocadores nos prédios evidencia uma negligência institucional com as demandas práticas do cuidado infantil. A criação de ambientes que acolham não apenas as mães, mas também as crianças, é vista como um passo fundamental para que a maternidade não seja sinônimo de afastamento acadêmico. Nesse sentido, Maniçoba (2025) argumenta que a ausência de políticas institucionais adequadas de apoio, como creches universitárias e horários flexíveis, agrava ainda mais a situação dessas mulheres, limitando sua capacidade de conciliar esses diferentes aspectos de suas vidas.

As narrativas também evidenciam uma insatisfação com a qualidade e funcionamento do ensino domiciliar, que, na prática, não tem suprido as necessidades das estudantes. Jesus (2014, p. 26) relatou, em sua pesquisa, as lacunas do ensino domiciliar:

Portanto, no que se refere à assistência às estudantes mães, tem deixado muito a desejar, pois como verificamos apesar da oferta de regime de exercício domiciliar e do regime especial de faltas, dentre as diversas ações listadas no regimento geral da UFPA, aquelas focadas em gênero, como é o caso da creche, continuam no patamar das ações de assistência estudantil. E, mesmo com estas ações, muitas alunas do curso de pedagogia, vêm sentindo dificuldades, visto que muitas não têm onde deixar seus bebês para assistirem as aulas, e mesmo com o regime domiciliar, tem que trancar algumas disciplinas relacionadas a estágio, prática de ensino e aquelas cuja execução não pode ocorrer fora do ambiente da universidade.

Por fim, há um chamado à mudança de postura docente: empatia, compreensão e atualização das práticas pedagógicas são vistas como essenciais para que a maternidade seja tratada não como obstáculo, mas como parte legítima da trajetória acadêmica. Essas sugestões, vindas diretamente das protagonistas dessas vivências, apontam para a necessidade de que a universidade ouça, compreenda e atue para que ser mãe e ser estudante não sejam caminhos excludentes, mas percursos que possam coexistir com dignidade e apoio real, já que a maternidade e a vida acadêmica são intrínsecas a essas estudantes/mães. Uma vez que, segundo Joaquim (2023), a universidade é uma parte do mundo social e é por meio dela que essas mulheres sonham em obter uma condição de vida melhor.

4.6 O significado da maternidade na perspectiva das estudantes

A sexta pergunta esteve voltada a compreensão do significado pessoal que cada participante atribui à maternidade, com o intuito de ajuda a revelar a dimensão subjetiva e emocional dessa experiência. Esse olhar é importante pois mostra como, para além dos desafios, ser mãe carrega sentidos profundos que influenciam a forma como cada mulher enfrenta a universidade, como demonstrado pelas respostas das estudantes/mães:

“Ser mãe é assumir uma responsabilidade profunda de cuidado, amor e formação de outro ser humano. Significa oferecer apoio emocional, físico e afetivo, mesmo diante de desafios pessoais. É um papel que exige entrega, paciência, coragem e, muitas vezes, renúncia. Ser mãe não se resume apenas ao vínculo biológico, é também sobre presença, proteção, escuta e incentivo ao crescimento da criança como indivíduo. É um aprendizado constante, cheio de alegrias e também de inseguranças, mas sempre marcado por um amor incondicional. É uma dádiva, a experiência mais incrível e linda da minha vida.”(Bertha Lutz aluna)

“Um desafio diário. Em aprender a cuidar de outra pessoa que depende praticamente só de você. Abrir mão muitas vezes de si próprio e de oportunidades de emprego que ajudaria a dar uma vida melhor. Mas é um amor que ao final do dia transborda.”(Elisa Frota Pessoa)

“Significa amor, resiliência e muita doação.”(Maria Laura Moura Mouzinho Leite Lopes)

“É um desafio e ao mesmo tempo é a melhor coisa que aconteceu na minha vida. Eu tenho um ótimo marido e ele é um ótimo pai e por isso acho que a maternidade me faz tão feliz. Meus filhos são um sonho realizado que nem sabia que tinha, amo ser mãe de meninos e espero concluir essa graduação para que eles tenham muito orgulho de mim.”(Maria José Deane)

“Ser mãe é abrir mão de muitas coisas, é perceber que tudo antes não fazia tanto sentido como faz agora. Ser mãe atípica é querer ver nossa filha desenvolver, ainda que de forma mais lenta. Algumas vezes me sinto culpada ou me pergunto ‘o que fiz de errado?’. É ser forte, porque não há outra opção, é ver um mundo todo desmoronar e ainda assim permanecer de pé, porque tem alguém que precisa de mim mais que tudo e todos. Ser mãe atípica é chorar ao ver uma pequena evolução que tem um grande significado. É enfrentar burocracias, romper barreiras e combater preconceitos. É também ver que tudo vale a pena, apesar de ser extremamente difícil e complicado, que envolve um amor inenarrável e inexplicável, capaz de tudo. É buscar sempre ser melhor que ontem.”(Sonja Ashauer)

Ao analisar esses relatos, é possível perceber que o significado da maternidade, para essas mulheres, vai muito além do ato biológico de gerar uma criança. É um compromisso afetivo e contínuo, que combina cuidado, renúncia e amor incondicional. Todas as participantes associam a maternidade a um misto de desafio

e plenitude, um percurso que exige força e resiliência, mas que também proporciona sentido e realização pessoal. Segundo Silvestre (2019, p. 15):

Nesse sentido, a maternidade, não constituiu-se enquanto um acontecimento, meramente biológico, como durante longos anos foi definido. Mas, como uma vivência pessoal, inserida na dinâmica historicamente e socialmente construída, que envolve dependência física, afetiva e que demanda vários cuidados, em alguns momentos, cuidados especiais.

Nessa perspectiva, as palavras “renúncia”, “resiliência” e “entrega” se repetem nas narrativas, revelando que ser mãe, para elas, implica abrir mão de aspectos da própria vida em prol do bem-estar dos filhos. Esse processo, porém, não é vivido como mera perda: ao contrário, é compreendido como parte de um amor que se renova diariamente. A resiliência dessas mães demonstra que, mesmo nas circunstâncias mais desafiadoras, há uma força imensa em cada gesto de cuidado e amor.

Essas percepções revelam que, para essas mães, ser estudante universitária não é apenas uma etapa acadêmica, mas um ato de resistência e amor. A maternidade, para elas, não é obstáculo, mas motor, a razão pela qual persistem, mesmo diante das dificuldades, buscando ser exemplo e inspiração para os filhos.

Ao finalizar os relatos das estudantes/mães, foi possível observar que a maternidade no contexto acadêmico é atravessada por uma multiplicidade de sentimentos, desafios e significados. Desde a descoberta da gravidez até a vivência diária da graduação, essas mulheres enfrentaram medos, inseguranças e barreiras institucionais, mas também revelaram força, resiliência e redes de apoio que tornaram possível a continuidade dos estudos.

As declarações evidenciam que a falta de políticas públicas e institucionais eficazes, a ausência de infraestrutura adequada e a pouca sensibilidade de parte do corpo docente ainda dificultam a permanência dessas mães na universidade. Por outro lado, a solidariedade de colegas, familiares e alguns professores demonstra que o acolhimento humano pode suavizar os impactos dessa trajetória. Nesse sentido, a maternidade não aparece apenas como obstáculo, mas também como motor de resistência, inspiração e motivação para seguir adiante, reafirmando que ser mãe e ser estudante não são papéis excludentes, mas caminhos que, com apoio e reconhecimento, podem coexistir e se fortalecer mutuamente, pois essa relação é intrínseca. Na visão de Silvestre (2019), em uma forma romantizada, ser mãe é

dedicar-se, é doar-se totalmente a um ser e viver em função dele, pois cabe a mãe a responsabilidade de cuidar do bebê, pois foi a função que a sociedade a atribuiu. Amor incondicional, isso é o amor materno.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo compreender os desafios e as vivências das mães universitárias que engravidaram durante sua trajetória acadêmica. Antes de tudo, foi um mergulho em histórias de resistência, amor e superação. Cada narrativa revelou não apenas os desafios de conciliar maternidade e vida acadêmica, mas também a força de quem insiste em permanecer, mesmo quando o tempo parece escorrer pelas mãos e o cansaço tenta falar mais alto.

Ao finalizar os relatos das estudantes, foi possível observar que a maternidade no contexto acadêmico é marcada por intensos desafios, mas também por força, resiliência e esperança. Os depoimentos evidenciaram que a descoberta da gravidez trouxe sentimentos de medo, insegurança e dúvidas sobre a continuidade dos estudos, ao mesmo tempo em que despertou alegria e motivação para seguir em frente. A vivência da graduação mostrou-se atravessada por uma rotina de cansaço físico, sobrecarga emocional e dificuldades financeiras, somadas à ausência de apoio institucional adequado.

Apesar desses desafios, as estudantes revelaram que encontraram apoio em suas redes familiares, nos colegas de turma e em alguns professores, o que possibilitou amenizar o peso das responsabilidades e fortalecer a permanência no curso. Ao mesmo tempo, apontaram a necessidade urgente de políticas institucionais mais inclusivas, como creches universitárias, espaços de amamentação, flexibilização de prazos e maior sensibilidade docente diante da realidade das mães.

A maternidade, embora acompanhada por renúncia e sacrifícios, também emergiu como um motor de resistência, amor e inspiração. Para essas mulheres, ser mãe não significou abrir mão da vida acadêmica, mas ressignificar sua trajetória, transformando o cuidado com os filhos em motivação para persistir e conquistar a graduação.

Assim, este trabalho contribui para dar visibilidade às vivências das estudantes/mães e reafirma a necessidade de mudanças estruturais que garantam equidade e dignidade no ensino superior. As vozes aqui registradas não se encerram

em si mesmas: elas deixam um convite para que novas pesquisas possam aprofundar a compreensão desse tema, ampliando o debate sobre maternidade e universidade.

Nesse sentido, recomenda-se que investigações futuras explorem de forma mais detalhada os efeitos das políticas institucionais voltadas às estudantes mães, a realidade daquelas que têm filhos com desenvolvimento atípico, o papel das redes de apoio formais e informais e a formação docente no acolhimento dessas alunas. Além disso, estudos comparativos entre diferentes universidades podem ampliar a compreensão sobre boas práticas e evidenciar lacunas que ainda persistem no cenário brasileiro.

REFERÊNCIAS

ÁVILA, R. C.; PORTES, É. A. A tríplice jornada de mulheres pobres na universidade pública: trabalho doméstico, trabalho remunerado e estudos. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 20, n. 3, p. 809-832, set./dez. 2012.

BARBOSA, L. C. **Quebrando o silêncio: "A face oculta da gestação"**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Psicologia) – Centro Universitário Católico de Vitória, Vitória, 2016.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BITTENCOURT, S. M.; ANDRADE, C. B. Dois pesos e duas medidas? Maternidade e vida acadêmica de doutorandas de uma universidade pública. **Debate feminista**, v. 64, p. 32-55, 2022.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/consti/1988/constituicao-1988-5-outubro-1988-322142-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 24 ago. 2025.

BRASIL. **Lei nº 6.202, de 17 de abril de 1975**. Atribui à estudante em estado de gestação o regime de exercícios domiciliares. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 17 abr. 1975. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-6202-17-abril-1975-357541-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 24 ago. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). **Mulheres representam 59% das matrículas na educação superior**. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), 8 mar. 2024.

CRESWELL, J. W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa**: escolhendo entre cinco abordagens. 3. ed. Porto Alegre: Penso, 2014.

GONÇALVES, J. R.; TERNOVOE, J. S. Desafios Vivenciados por Mulheres Universitárias de Mato Grosso do Sul, que são Mães, Profissionais e Donas de Casa. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**. Ponta Grossa, v. 8, n. 2, ago-dez, 2017, p. 116-142.

GONÇALVES, V. L. C.; ROSA, C. F.; SANTOS, S. S. S.; DUTRA, R. M. M. **Creche universitária e a permanência de estudantes-mães**: as vozes de discentes do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão. Teceres – Revista da AINPGP, v. 3, n. 1, 2024. DOI: <https://doi.org/10.57242/tcrs.v3i1>

JESUS, A. D. G. **Maternidade e vida acadêmica no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará**. 2014. 69 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Instituto de Ciências da Educação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2014

JOAQUIM, A. R. S. **Mulheres, mães e universitárias**: uma pesquisa sobre as políticas de permanência para estudantes que se tornam mães nas universidades públicas paulistas. 2023. 207 f. Dissertação (Mestrado em Educação – Políticas, Gestão Educacional e Formação Humana) – Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Rio Claro, 2023

LUCENA, I. R. R.; BARROS, A. M. **A conciliação entre maternidade-estudo-trabalho**: reflexões sobre os desafios enfrentados pelas mães discentes no contexto universitário. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste, Caruaru, 2023

MANIÇOBA, M. S. **Desafios e estratégias de conciliação: um estudo sobre as dificuldades enfrentadas por mães durante a graduação**. 2025. 57 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Química) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Campus Pau dos Ferros, Pau dos Ferros, 2025.

MENEZES, R. S.; SANTOS, T. S.; VELOSO, N. O.; FREITAS, V. N.; SANTOS, M. S.; RAHIM, M. A. A. Maternidade, trabalho e formação: Lidando com a necessidade de deixar os filhos. **Construção Psicopedagógica**, São Paulo, v. 20, n. 21, 2012, p. 23-47.

MESTRE, S. O.; SOUZA, E. R. “Maternidade guerreira”: responsabilização, cuidado e culpa das mães de jovens encarcerados”. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 29, n. 2, e70109, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2021v29n270109>

MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2012/11/pesquisa-social.pdf>. acesso em: 14 jun. 2025.

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO. **Dia Internacional das Mulheres e Meninas na Ciência**: a trajetória de cientistas brasileiras. Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/mast/pt->

br/assuntos/noticias/2025/fevereiro/dia-internacional-das-mulheres-e-meninas-na-ciencia-a-trajetoria-de-cientistas-brasileiras. Acesso em: 20 jun. 2025.

NAGAE, C. Y. **Amostragem intencional: uma abordagem via otimização**. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciências – Estatística) – Instituto de Matemática e Estatística, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/45/45133/tde-06122007-205037/publico/Catia.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2025.

NASCIMENTO, J. **Suportes (ou falta de suportes?) – Estudos sobre a trajetória acadêmica de estudantes universitárias que são mães**. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, 2025.

OLIVEIRA, F. S. **Maternidade e vida acadêmica: memórias e narrativas de mães universitárias**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Castanhal, Faculdade de Pedagogia, Castanhal, 2022.

ROZA, R. H. O Google Forms como ferramenta de apoio à pesquisa quantitativa no ensino superior. **Revista Tecnologia e Educação**, ano 10, n. 28, p. 1–15, dez. 2018. Disponível em: <https://tecedu.pro.br/wp-content/uploads/2019/01/Art15-Ano-10-vol28-Dezembro-2018.pdf>

SANTOS, L. S.; MARTINS, K. S. B. S.; JUSTI, J. “Tornar-se mãe” durante a formação acadêmica: desafios da maternidade sob a perspectiva educacional e sociológica. **Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales**, mar. 2020. Disponível em: <https://www.eumed.net/rev/cccss/2020/03/maternidade-perspectiva-educacional.html>. Acesso em: 24 ago. 2025.

SILVA, B. Z. **Carreira e maternidade: um estudo com discentes da Faculdade de Economia, Administração e Ciências Contábeis**. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Administração) – Faculdade de Economia, Administração e Ciências Contábeis, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2024.

SILVA, B. E. M.; SILVA, M. A. I.; ZAIA, J. E.; SANTOS, B. M. O.; CANO, M. A. T. Universitárias que foram mães na adolescência: aspectos pessoais, sociais e familiares para continuidade dos estudos. **Revista Investigação: Ciências da saúde**. São Paulo, v. 14, n. 2, 2015, p. 149-153.

SILVA, V. G. **O impacto da maternidade na vida acadêmica e profissional de uma estudante de Bacharelado em Educação Física**. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Educação Física) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2023.

SILVESTRE, D. L. **Maternidade e vida acadêmica: um estudo sobre os desafios enfrentados por estudantes universitárias mães do Campus da UFPA em Castanhal**. 2019. Trabalho de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Campus Universitário de Castanhal, Universidade Federal do Pará, Castanhal, 2019.

SOUZA, B. K. S. **Desenvolvimento atípico e inclusão**: concepções de estudantes de Ciências Naturais. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Naturais) – Faculdade UnB Planaltina, Universidade de Brasília, Planaltina, 2017.

SOUZA, M. L. T. **A universidade e a maternidade**: relato de experiência dos desafios enfrentados por mulheres que engravidaram durante a graduação no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Faculdade de Educação, Belém, 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão. **Resolução n. 5.799, de 19 de setembro de 2024. Regulamenta o Regime Acadêmico Diferenciado para Inclusão e Permanência de Estudantes de Graduação (RADIP-EG) da Universidade Federal do Pará**. Belém: UFPA, 2024.

URPIA, A. M. O.; SAMPAIO, S. M. R. Tornar-se mãe no contexto acadêmico: dilemas da conciliação maternidade-vida universitária. **Revista do Centro de Artes, Humanidades e Letras**, vol. 3 (2), p. 30-43. 2009.

VIEIRA, A. C.; SOUZA, P. B. M.; ROCHA, D. S. P. Vivências da maternidade durante a graduação: uma revisão sistemática. **Revista Cocar**, Belém, v. 13, n. 25, p. 532-552, jan./abr. 2019. Programa de Pós-Graduação em Educação da UEPA.